

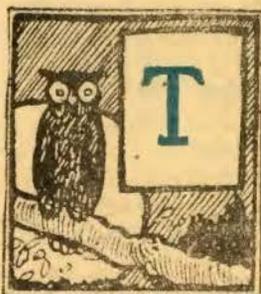


SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

## O MENINO ESTUDIOSO E O MANDRIÃO

Por MARIO



**T**ODOS os dias lá ía, contente e alegre, o filho do padeiro para a escola. Os seus melhores amigos e conselheiros eram os livros, tratados com o maior asseio e cuidado.

O professor gostava muito d'ele e, um

dia, disse para os seus alunos:

— Vou dar um prémio ao mais estudioso e, como todos já sabem, o contemplado e o Fernando.

Todos concordaram menos um, que era o mais mandrião da escola. Fernando era simples e modesto, filho de pais pobres.

Quando chegava da escola, entretinha o irmão mais novo e já fazia alguma coisa no auxílio do trabalho do pai.

A noite, no fim da ceia, lia as histórias que ele mais apreciava, do seu livro, sentado junto da avózinha, ao calor sacro da lareira.

Era o enlevo dos pais. A avó, mirava-se n'ele como se fôsse um espelho. Para ela não havia mais nada no mundo a não ser o seu netinho.

— Avózinha teio o hino do amor?

— Sim, meu filho.

E ele, tódo contente, começava:

Andava um dia  
Em pequenino  
Nos arredores

de Nazareth  
Em companhia  
De São José  
O bom Jesus  
O Deus menino (!)  
.....

Fernando, quando chegou a casa, contou aos pais o que tinha dito o senhor professor. No outro dia, o mandrião encontrou-se com ele no caminho e disse-lhe:

(!) Versos de João de Deus,

(Continua da página 3)







breve o sonho de ambos seria realidade; em breve as fadas despeitadas realizariam a vingança.

Num desfile interminável, a princesa chega. O casamento realizar-se-ia em breve. Os festejos sucedem-se, mas numa caçada o príncipe desaparece. O Amor e a Vida cedem o lugar à Morte e a princesa volta ao seu país, jurando não mais casar. Os anos passaram, mas, no coração de Pérola, viceja a saudade pelo seu noivo. O rei, alquebrado pela idade, roga-lhe agora que escolha noivo; porém a princesa invocava o morto saúdoso e o juramento que lhe fizera. Só nêsse lembrar da felicidade perdida quasi se tornava alegre. Mas o pai impôs-se e Pérola acedeu, sob a condição de que todos aqueles que aspirassem à sua mão teriam que matar o pom-

bo que a fada, sua madrinha, lhe havia dado. Sabia que só um caçador como Rubi o poderia matar. O dia da escolha chegou. Numerosos caçadores esperaram impacientes que a princesa soltasse o pombo, desejosos por abatê-lo, mas o pombo voava, ora aparecendo, ora sumindo-se, fazendo faltar todas as pontarias. Nisto, repentinamente, surge um cavaleiro, aponta e fere mortalmente a ave. Pérola, entusiasmada, exclamou: — Só Rubi o poderia ter morto — e ante o espanto de todos, o príncipe depôs aos pés da noiva o pombo abatido. Rubi terminara o encanto, unindo-se para sempre a Pérola, modelo de constância e firmeza. As fadas harmonizaram-se e assistiram ao casamento de Rubi com Pérola.

• • • • • F I M • • • • •

**O menino estudioso e o mandrião** (Continuação da página 1)

— O professor, julga que tu és o mais aplicado da aula, mas enganou-se. Hoje mesmo vamos a ver quem recebe o prêmio. Eu sou rico e tu não és ninguém. Para irés à escola os teus pais fazem sacrifícios e os meus não.

Fernando não respondeu e, mais alegre que nunca, entrou na aula. O professor chamou-o e, beijando-o na testa, disse:

— Aqui tens o teu prêmio. Guarda-o; podes com ele comprar alguma coisa que te seja útil. O menino estudioso respondeu:

— Em vez de dinheiro, preferia um diploma para guardar.

O mestre olhou-o, enternecido, e disse-lhe:

— Tens razão.

Fernando foi muito felicitado pelos seus colegas, exceptuando um.

— Porque não vens felicitar o nosso premiado? Indagou o mestre.

— Foi mau e vaidoso, porque julguei que só os ricos tinham direito aos prêmios. Estou arrependido; e começou a chorar pelo que tinha feito.

Fernando abraçou-o e, daí em diante, foram os melhores amigos e os meninos mais estudiosos da aula. Os pais orgulhavam-se de os ver juntos, todas as manhãs, de sacola às costas.

À tarde regressavam sempre na melhor harmonia. Depois de brincarem algum tempo, estudavam as suas lições com cuidado, merecendo as atenções, não só do professor, mas também de todos os condiscípulos.

Concluíram sempre os seus exames com distinção e assim se fizeram homens úteis à Pátria e o orgulho dos seus pais.

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■

# CARIDADE

■ POR ALFREDO  
NEGRI TO ■



PROXIMAVA-SE a Páscoa. Os pobres da aldeia esperavam, com um raio de Fé a iluminar-lhes a alma, que aquela bondosa senhora viesse trazer-lhes um pouco de conforto, uma dádiva que lhes lembrasse que aquele dia era de festa.

Era costume. Tódos os anos, pela Páscoa, ela percorria a aldeia visitando os mais necessitados a quem entregava géneros com que pudessem comemorar aquele domingo. Ninguém sabia quem ela era. Sabiam apenas que levava dias inteiros percorrendo a pé as aldeias vizinhas angariando aquilo que, depois, distribuía. Ela era pobre também e, como não podia repartir com os outros o pouco que possuía, humilhava-se a esmolar, com prazer, só para que aos rostos dos pobres e velhos desprotegidos da Fortuna, visse aflorar aquele sorriso de alegria por saberem que no seu lar, onde não abundavam nem as duras códeas de pão, entrava em Domingo de Páscoa um pouco de Felicidade. Ela sentia-se contente em receber êsses sorrisos que eram para a sua alma bemfazeja, o melhor conforto e o melhor apoio para novas iniciativas de caridade.

Naquele ano, também os pobres deviam ter o seu jantar. Mas nêsse tempo andava ela ainda angariando os donativos. Próximo da aldeia morava um velho, que os aldeãos diziam ser muito rico mas tão avaro como rico. Ninguém o via. Conservava sempre as janelas cerradas e no seu jardimzito as flôres morriam por falta de cuidado, nascendo em seu lugar as urtigas e os cardos. Nunca um pobre fóra recebido em sua casa e dizia-se que a criada, tão velha como o amo, mas mais avarenta do que êle, os maltratava sem que lhes dêsse ao menos uma códea de pão. Por isso os aldeãos, ao passarem em frente do solar do avarento, olhavam-no com terror, como se lá dentro habitasse o demónio.

Ora a bemfeitora, que no Domingo de Páscoa levava um pouco de conforto aos tristes lares dos pobres, chegou junto do velho solar e olhou-o com cer-



to espanto pelo aspecto de abandono em que o via. Mas ela sabia-o habitado. Da arruinada chaminé saía um rolozito de fumo que era o único sinal de vida no meio de tanta tristeza. Aproximou-se da grossa porta de carvalho e bateu uma argolada. Esperou largo tempo. Depois, viu que a porta se entreabria e alguém assomava a ela, perguntando-lhe o que desejava. A pobre criatura pediu para falar ao velho rico e a porta fechou-se. Esperou mais algum tempo. Por fim a porta voltou a abrir-se e um rosto engelhado e emoldurado por longos cabelos apareceu. Os olhos pareciam cerrados, os lábios, delgados e brancos, estavam distendidos numa careta que permitiam vêr alguns dentes enormes, aguçados como os de um lóbo e sujos.

— Que quere? — perguntou o velho.

— Senhora... Aproxima-se a Páscoa. Há tantos pobres que durante um ano não sabem o que é o conforto de uma sôpa...

— E depois? Que tenho eu com isso?

— É que eu... vinha apelar para a vossa generosidade, senhor... Percorro as aldeias em busca de alguma cousa que possa minorar as agruras dos desgraçados.

Então o velho deu uma gargalhada, que mais parecia um rugido e disse, apontando-lhe a sacola:

— É então uma esmola, o que queres? Já levas aí bastante... E toca a andar que isto aqui não é asilo. O que tenho é meu e custou-me muito apanhá-lo...

— Ah! Senhor — tornou a pobre mulher — se soubesseis a negra cór da fome, haviêis de compadecer-vos, ter dó...

— Fome? Eu também sei o que isso é! Também passel muita fome... Agora, rio dos outros... Fóra! Gira daqui!...

— Senhor... — gemeu a pedinte.

— Gira!

Depois o rosto do velho avaro serenou um pouco. Um sorriso mau aflorou-lhe aos lábios e disse:

— Espera aí! É uma esmola... Vou dar-ta.

A pobre estendeu a mão aberta para receber o óbulo, mas, com espanto seu, viu que o monstro, em vez da esmola lhe cuspiu na mão que estava aberta na sua frente. Depois o velho riu num esgare de doido em que pretendia exteriorisar tódo o seu contentamento pela enorme afronta que acabava de fazer á indefesa criatura. Mas a pobre mulher, digna e raze

# O MAR

■ POR ERNESTO  
DE OLIVA ■

O mar!

Olha para o mar, mamã!  
Ui! como é grande o mar!

Tão grande! Olha para acolá!  
Começa onde vai findar  
E volta de lá para cá  
E de cá vai para lá,  
Sempre a dansar,  
Sem sossegar,  
O mar!

Aos baldões,  
Os vagalhões  
Não cessam de bramir!  
Parece que, no fundo,  
Existe um novo mundo  
A soluçar e a rir!

Nas ondas enraivecidas  
Quantas dezenas de vidas  
Se perdem num só instante...



O vento uiva, feroz...  
E a casquinha de noz  
O navio...  
Lá vai  
No ventre do gigante!

Mas também  
Minha mãe!

O mar é nosso amigo  
Pois dá pão a muita gente  
E deixa que eu vá contigo  
Lá adonde  
Se esconde  
Essa terra onde está  
Aquele que eternamente  
Se chamará  
Mãezinha!  
O meu papá.

■ F I M ■

em singeleza; nobre nos seus gestos e nas suas frases, fechou a mão, onde o avarento havia cuspidado, levou-a ao coração, e disse:

— Senhor, agradeço-vos a esmola que acabais de dar me. Mas esta é para mim porque é já muita riqueza...

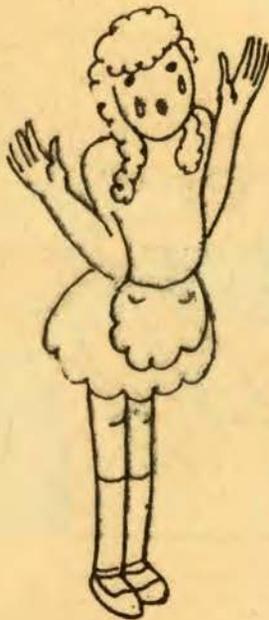
Depois estendeu a outra mão e concluiu:  
E nesta mão, senhor... nesta agora dai aos pobres...

Há, como nesta história, criaturas sãs de espírito, que lavam uma afronta com uma dignidade.

■ F I M ■

# LI LI

POR  
MARIA  
AMELIA  
DE  
MIRANDA  
RODRIGUES



Lilí, tinha muito medo dos ratos, das baratas, das aranhas.

Sentava-se numa cadeira e se, por acaso, uma mosca lhe pousava na perna nua, lá se punha ela a gritar:

— Esta cadeira tem teias, anda acudir, ó Mario!

Antes de se deitar, perdia imenso tempo a vêr se, por baixo da cama, não havia novidade, se podia dormir sem receio de ser assaltada pelos seus terríveis inimigos.

De uma vez, ela ouviu a cozinheira a dizer:

— Cá está um!

Foi vêr o que era. Um ratinho caíra na ratoeira. Os olhos dêle, pareciam duas con-

tinhas pretas, muito brilhantes. Assustado, desvairado, procurava libertar-se.

— E agora o que lhe vão fazer?

— Matá-lo; ou a menina quer ficar com êle?

— Eu? Ah!

Como é que o vão matar?

— Quere vêr?

— Quero.

A cozinheira, muito calma, pôs a ratoeira num balde, que encheu de água fria.

O bichinho, lá dentro, procurava subir, para escapar à morte. Lilí, seguiu emocionada, as peripécias do drama; mas, quando viu o rato agarrar-se às grades, num espasmo gritou:

— Maria, solta-o, coitadinho! é um pecado, pois tu não sabes que os ratos são criaturas de Deus, como tu?

E ante um riso de escárneo, da criada.

— E eu vou fazer queixa à mãe, de que tu andas a matar os ratos tôdos.

■ F I M ■



# AVE QUE FOGE

AO COLEGA ILÍDIO CASTOR TEIXEIRA

Por ADRIANO DE RODES

Numa linda gaiola,  
uma avezinha canta alegremente.  
Apesar de cativo, o passarinho  
nunca chorou seu mal. Vive contente,  
nem sequer se lembrando já do ninho  
que deixára escondido  
nos verdejantes ramos dum ulmeiro,  
onde, em manhãs de estio vaporosas  
ou em amenas tardes de Janeiro,  
gorgeava à compita.

Já esquecera tudo:  
O purpurino azul do Firmamento,  
as seáras loiras e os quintais bonitos,  
onde, alegre, encontrava o alimento  
que ia levar aos filhos pequenitos.

Já esquecera tudo...  
Para ela a gaiola era um ninho  
Inda muito mais belo que o primeiro  
que construira num gracil raminho  
dum verdejante e majestoso ulmeiro.

Já esquecera tudo...  
Porém, numa manhã primaveril,  
em que o sol, com seus raios mais doura-  
dos,  
subia a abençoar fio-inhas mil  
que povoavam a amplidão dos prados,

a ave entristeceu.  
Não mais cantou. Dolente, amargurada,  
chorou então a doce liberdade  
que já perdera. E, triste, acrizolada,  
pela primeira vez teve saudade.

E nunca mais cantou...  
Via passar ao longe, em revoada,  
ou saltitando, alegres, nas herdades,  
Avezinhas cantando. E a desterrada  
sentia mais a dôr e as saúdades.

Mas o dono era bom.  
E, ao vêr assim a ave contristada,  
numa tarde, ao sol-pôr, foi lentamente,  
triste, pé ante-pé, sem dizer nada,  
abrir a porta da prisão dolente.

O sel morria além.  
E, enquanto o desgraçado, a soluçar,  
chorava pela ave idolatrada  
que tanto tinha amado,  
ela voou contente, a chilrear,  
gozando a liberdade renovada.

Chaves, 1930.

FIM

